

Agrupamento de Escolas Leal da Câmara

Mário de Sá-Carneiro



Indícios de Ouro

Agrupamento de Escolas Leal da Câmara
Mário de Sá-Carneiro



Indícios de Ouro

Título: Indícios de Oiro

Autor: Mário de Sá-Carneiro

Edição: Agrupamento de Escolas Leal da Câmara

Revisão e diagramação: Carlos Pinheiro

Coleção: Clássicos da Literatura

1.ª edição: fevereiro de 2018

Imagem da capa: «Mário de Sá-Carneiro» - Aguarela e caneta sobre papel, de Angelina Pereira.

Edição segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, com base na edição disponível na [Biblioteca Nacional Digital](#).



Este trabalho foi licenciado com uma Licença Creative Commons — Atribuição-CompartilhaIgual

CC BY-SA.

Epígrafe

A sala do castelo é deserta e espelhada.

Tenho medo de Mim. Quem sou? De onde cheguei?...

Aqui, tudo já foi... Em sombra estilizada,

A cor morreu --- e até o ar é uma ruína...

Vem de Outro tempo a luz que me ilumina ---

Um som opaco me dilui em Rei...

Nossa Senhora de Paris

Listas de som avançam para mim a fustigar-me

Em luz.

Todo a vibrar, quero fugir... Onde acoitar-me?

Os braços duma cruz.

Anseiam-se-me, e eu fujo também ao luar..

Um cheiro a maresia

Vem me refrescar,

Longínqua melodia

Toda saudosa a Mar...

Mirtos e tamarindos

Odoram a lonjura;

Resvalam sonhos lindos...

Mas o oiro não perdura

E a noite cresce agora a desabar catedrais...

Fico sepulto sob círios,

Escureço-me em delírios

Mas ressurjo de Ideais...

— Os meus sentidos a escoarem-se...

Altars e velas...

Orgulho... Estrelas...

Vitrais! Vitrais!

Flores de luz...

Manchas de cor a ogivarem-se...

As grandes naves a sagrarem-se...

— Nossa Senhora de Paris!...

Paris, 15 de junho de 1913

Salomé

Insónia roxa. A luz a virgular-se em medo,
Luz morta de luar, mais Alma do que a lua...
Ela dança, ela range. A carne, álcool de nua,
Alastra-se pra mim num espasmo de segredo...

Tudo é capricho ao seu redor, em sombras fátuas...
O aroma endoideceu, upou-se em cor, quebrou...
Tenho frio... Alabastro!... A minh'Alma parou...
E o seu corpo resvala a projetar estátuas...

Ela chama-me em Iris. Nimba-se a perder-me,
Golfa-me os seios nus, ecoa-me em quebranto...
Timbres, elmos, punhais... A doida quer morrer-me:

Mordoura-se a chorar — há sexos no seu pranto...
Ergo-me em som, oscilo, e parto, e vou arder-me
Na boca imperial que humanizou um Santo...

Lisboa, 3 de novembro de 1913

Não

Longes se aglomeram
Em torno aos meus sentidos,
Nos quais prevejo erguidos
Paços reais de mistérios.

Cinjo-me de cor,
E parto a demandar.
Tudo é Oiro em meu rastro
Poeira de amor...

Adivinho alabastro...
Detenho-me em luar...

Lá se ergue o castelo
Amarelo de medo
Que eu tinha previsto:
As portas abertas,

Lacaio parados,

As luzes, desertas —

Janelas incertas,

Torreões sepulcrosos...

Vitória! Vitória!

Mistério é riqueza —

E o medo é Mistério!...

Ó paços reais encantados

Dos meus sentidos doirados,

Minha glória, minha beleza!

(— Se tudo quanto é dourado

Fosse sempre um cemitério?...)

Heráldico de Mim,

Transponho liturgias...

Arrojo-me a entrar
Nos Paços que alteei,
Quero depor o Rei
Para lá me coroar.

Ninguém me veda a entrada,
Ascendo a Escadaria —
Tudo é sombra parada,
Silêncio, luz fria...

Ruiva, a sala do trono
Ecoa roxa aos meus passos.
Sonho os degraus do trono —
E o trono cai feito em pedaços...

Deixo a sala imperial,
Corro nas galerias,
Debruço-me às gelosias —
Nenhuma deita pra jardins...

Os espelhos são cisternas —

Os candelabros

Estão todos quebrados...

Vagueio o Palácio inteiro,

Chego ao fim dos salões...

Enfim, oscilo alguém!

Encontro uma Rainha,

Velha, entrevadinha,

A que vigiam dragões...

E acordo...

Choro por mim... Como fui louco...

Afinal

Neste Palácio Real

Que os meus sentidos ergueram,

Ai, as cores nunca viveram...

Morre só uma rainha,

Entrevada, sequinha,

Embora a guardem dragões...

.....

.....

— A Rainha velha é a minha Alma — exangue...

— O Paço Real o meu génio...

— E os dragões são o meu sangue...

(Se a minha alma fosse uma Princesa nua

E debochada e linda...)

Lisboa, 14 de dezembro de 1913

Certa Voz na Noite Ruivamente

Esquivo sortilégio dessa voz, opiada

Em sons cor de amaranto, às noites de incerteza.

Que eu lembro não sei de Onde — a voz duma Princesa

Bailando meia nua entre clarões de espada.

Leonina, ela arremessa a carne arroxeadada;

E bêbeda de Si, arfante de Beleza.

Acera os seios nus, descobre o sexo... Reza

O espasmo que a estrebucha em Alma copulada...

Entanto nunca a vi mesmo em visão. Somente

A sua voz a fulcro ao meu lembrar-me. Assim

Não lhe desejo a carne — a carne inexistente...

É só de voz-em-cio a bailadeira astral —

E nessa voz-Estátua, ah! nessa voz-total,

É que eu sonho esvair-me em vícios de marfim...

Lisboa, 31 de janeiro de 1914

7

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.

Lisboa, fevereiro de 1914

16

Esta inconstância de mim próprio em vibração
É que me há de transpor às zonas intermédias,
E seguirei entre cristais de inquietação,
A retinir, a ondular... Soltas as rédeas,
Meus sonhos, leões de fogo e pasmo domados a tirar
A torre d'ouro que era o carro da minh'Alma,
Transviarão pelo deserto, moribundos de Luar —
E eu só me lembrarei num baloiçar de palma...
Nos oásis, depois, hão de se abismar gumes,
A atmosfera há de ser outra, noutros planos;
As rãs hão de coaxar-me em roucos tons humanos
Vomitando a minha carne que comeram entre estrumes...

* * *

Há sempre um grande Arco ao fundo dos meus olhos...
A cada passo a minha alma é outra cruz,

E o meu coração gira: é uma roda de cores...

Não sei aonde vou, nem vejo o que persigo...

Já não é o meu rastro o rastro d'ouro que ainda sigo...

Resvalo em pontes de gelatina e de bolores...

Hoje, a luz para mim é sempre meia-luz...

.....

.....

As mesas do Café endoideceram feitas ar...

Caiu-me agora um braço... Olha, lá vai ele a valsar

Vestido de casaca, nos salões do Vice-Rei...

(Subo por mim acima como por uma escada de corda,

E a minha Ânsia é um trapézio escangalhado...).

Lisboa, maio de 1914

Apoteose

Mastros quebrados, singro num mar d'Ouro

Dormindo fogo, incerto, longemente...

Tudo se me igualou num sonho rente,

E em metade de mim hoje só moro...

São tristezas de bronze as que inda choro —

Pilastras mortas, mármore ao Poente...

Lagearam-se-me as ânsias brancamente

Por claustros falsos onde nunca oro...

Desci de mim. Dobrei o manto d'Astro,

Quebrei a taça de cristal e espanto,

Talhei em sombra o Oiro do meu rastro...

Findei... Horas-platina... Olor-brocado...

Luar-ânsia... Luz-perdão... Orquídeas pranto...

.....

— Ó pântanos de Mim — jardim estagnado...

Paris, 28 de junho de 1914

Distante Melodia

Num sonho d'Iris, morto a ouro e brasa,
Vem-me lembranças doutro Tempo azul
Que me oscilava entre véus de tule —
Um tempo esguio e leve, um tempo-Asa.

Então os meus sentidos eram cores,
Nasciam num jardim as minhas ânsias,
Havia na minh'alma Outras distâncias —
Distâncias que o segui-las era flores...

Caía Ouro se pensava Estrelas,
O luar batia sobre o meu alhear-me...
Noites-lagoas, como éreis belas
Sob terraços-liz de recordar-me!...

Idade acorde d'Inter-sonho e Lua,
Onde as horas corriam sempre jade,

Onde a neblina era uma saudade,
E a luz — anseios de Princesa nua...

Balaústres de som, arcos de Amar,
Pontes de brilho, ogivas de perfume...
Domínio inexprimível d'Ópio e lume
Que nunca mais, em cor, hei de habitar...

Tapetes doutras Pérsias mais Oriente...
Cortinados de Chinas mais marfim...
Áureos Templos de ritos de cetim...
Fontes correndo sombra, mansamente...

Zimbórios-panteons de nostalgias...
Catedrais de ser-Eu por sobre o mar...
Escadas de honra, escadas só, ao ar...
Novas Bizâncios-alma, outras Turquias...

Lembranças fluidas... cinza de brocado...
Irrealidade anil que em mim ondeia...

— Ao meu redor eu sou Rei exilado,
Vagabundo dum sonho de sereia...

Paris, 30 de junho de 1914

Sugestão

As companheiras que não tive,
Sinto-as chorar por mim, veladas,
Ao pôr do sol, pelos jardins...
Na sua mágoa azul revive
A minha dor de mãos finadas
Sobre cetins...

Paris, agosto de 1914

Taciturno

Há Ouro marchetado em mim, a pedras raras,
Ouro sinistro em sons de bronzes medievais —
Joia profunda a minha Alma a luzes caras,
Cibório triangular de ritos infernais.

No meu mundo interior cerraram-se armaduras,
Capacetes de ferro esmagaram Princesas.
Toda uma estirpe real de heróis d'Outras bravuras
Em mim se despojou dos seus brasões e presas.

Heráldicas-luar sobre ímpetos de rubro,
Humilhações a liz, desforços de brocado;
Basílicas de tédio, arneses de crispado,
Insígnias de Ilusão, troféus de jaspe e Outubro...

A ponte levadiça e baça de Eu-ter-sido
Enferrujou — embalde a tentarão descer...

Sobre fossos de Vago, ameias de inda-querer —

Manhãs de armas ainda em arraiais de olvido...

Percorro-me em salões sem janelas nem portas,

Longas salas de trono a espessas densidades,

Onde os panos de Arrás são esgarçadas saudades,

E os divãs, em redor, ânsias lassas, absortas...

Há roxos fins de Império em meu renunciar —

Caprichos de cetim do meu desdém Astral...

Há exéquias de heróis na minha dor feudal —

E os meus remorsos são terraços sobre o Mar...

Paris, agosto de 1914

O Resgate

A última ilusão foi partir os espelhos —
E nas salas ducais, os frisos de esculturas
Desfizeram-se em pó... Todas as bordaduras
Caíram de repente aos reposteiros velhos.

Atónito, parei na grande escadaria
Olhando as destroçadas, imperiais riquezas...
Dos lustres de cristal — as velas de oiro, acesas,
Quebravam-se também sobre a tapeçaria...

Rasgavam-se cetins, abatiam-se escudos;
Estalavam de cor os grifos dos ornatos.
Pelas molduras de honra, os lendários retratos
Sumiam-se de medo, a roçar veludos...

Doido! Trazer ali os meus desdêns crispados!...
Tetos e frescos, pouco a pouco enegreciam;

Panos de Arrás do que não-Fui emurcheciam —

Velavam-se brasões, subitamente errados...

Então, eu mesmo fui trancar todas as portas;

Fechei-me a Bronze eterno em meus salões ruídos

— Se arranho o meu despeito entre vidros partidos,

Estilizei em Mim as doiraduras mortas!

Camarate, Quinta da Vitória — outubro de 1914

Vislumbre

A horas flébeis, outonais —

Por magoados fins de dia —

A minha Alma é água fria

Em ânforas d'Ouro... entre cristais...

Camarate, Quinta da Vitória — outubro de 1914

Bárbaro

Enroscam-se-lhe ao trono as serpentes doiradas
Que, César, mandei vir dos meus viveiros de África.
Mima a luxúria a nua — Salomé asiática...
Em volta, carne a arder — virgens supliciadas...

Mitrado de oiro e lua, em meu trono de esfinges —
Dentes rangendo, olhos de insónia e maldição —
Os teus coleios vis, nas infâmias que finges,
Alastram-se-me em febre e em garras de leão.

Sibilam os répteis... Rojas-te de joelhos...
Sangue e escorre já da boca profanada...
Como bailas o vício, ó torpe, ó debochada —
Densos *sabbats* de cio teus frenesis vermelhos...

Mas ergues-te num espasmo — e às serpentes domas
Dando-lhes a trincar teu sexo nu, aberto...

As tranças desprendeste... O teu cabelo, incerto,
Inflama agora um halo a crispações e aromas...

Embalde mando arder as mirras consagradas:

O ar apodreceu da tua perversão...

Tenho medo de ti num calafrio de espadas —

A minha carne soa a bronzes de prisão...

Arqueia-me o delírio — e sufoco, esbracejo...

A luz enrijeceu zebreada em planos de aço...

A sangue se virgula e se desdobra o espaço...

Tudo é loucura já quanto em redor alvejo!...

Traço o manto e, num salto, entre uma luz que corta,

Caio sobre a maldita... Apunhalo-a em estertor...

.....

.....

— Não sei quem tenho aos pés: se a dançarina morta,

Ou a minha Alma só que me explodiu de cor...

Camarate, Quinta da Vitória — outubro de 1914

Ângulo

Aonde irei neste sem-fim perdido,
Neste mar oco de certezas mortas? —
Fingidas, afinal, todas as portas
Que no dique julguei ter construído...

— Barcaças dos meus ímpetos tigrados,
Que oceano vos dormiram de Segredo?
Partistes-vos, transportes encantados,
De embate, em alma ao roxo, a que rochedo?...

Ó nau de festa, ó ruiva de aventura
Onde, em Champanhe, a minha ânsia ia,
Quebrastes-vos também, ou porventura,
Fundeaste a Oiro em portos de alquimia?...

.....

.....

Chegaram à baía os galeões

Com as sete Princesas que morreram.

Regatas de luar não se correram...

As bandeiras velaram-se, orações...

Detive-me na ponte, debruçado.

Mas a ponte era falsa — e derradeira.

Segui no cais. O cais era abaulado,

Cais fingido sem mar à sua beira...

— Por sobre o que Eu não sou há grandes pontes

Que um outro, só metade, quer passar

Em miragens de falsos horizontes —

Um outro que eu não posso acorrentar.

Barcelona, setembro de 1914

Anto

Caprichos de lilás, febres esguias,
Enlevos de ópio — Íris-abandono...
Saudades de luar, timbre de Outono,
Cristal de essências langues, fugidias...

O pajem débil das ternuras de cetim,
O friorento das carícias magoadas;
O príncipe das ilhas transtornadas —
Senhor feudal das Torres de marfim...

Lisboa, 14 de fevereiro de 1915

A Inequalável

Ai, como eu te queria toda de violetas

E flébil de cetim...

Teus dedos longos, de marfim,

Que os sombreassem joias pretas...

E tão febril e delicada

Que não pudesses dar um passo —

Sonhando estrelas, transtornada,

Com estampas de cor no regaço...

Queria-te nua e friorenta,

Aconchegando-te em zibelinas —

Sonolenta,

Ruiva de éteres e morfina...

Ah! que as tuas nostalgias fossem guizos de prata —

Teus frenesis, lantejoulas;

E os ócios em que estiolas,

Luar que se desbarata...

.....

.....

Teus beijos, queria-os de tule,

Transparecendo carmim —

Os teus espasmos, de seda...

— Água fria e clara numa noite azul,

Água, devia ser o teu amor por mim...

Lisboa. 16 de fevereiro de 1915

Elegia

Minha presença de cetim,
Toda bordada a cor-de-rosa,
Que foste sempre um adeus em mim
Por uma tarde silenciosa...

Ó dedos longos que toquei,
Mas se os toquei, desapareceram...
Ó minhas bocas que esperei,
E nunca mais se me estenderam...

Meus Boulevards de Europa e beijos
Onde fui só um espectador...
— Que sono lasso, o meu amor;
— Que poeira de oiro, os meus desejos...

Há mãos pendidas de amuradas

No meu anseio a divagar...

Em mim findou todo o luar

Da lua dum conto de fadas...

Eu fui alguém que se enganou

E achou mais belo ter errado.

Mantenho o trono mascarado

Aonde me sagrei Pierrot.

Minhas tristezas de cristal,

Meus débeis arrependimentos

São hoje os velhos paramentos

Duma pesada Catedral.

Pobres enleios de carmim

Que reservara pra algum dia...

A sombra loira, fugidia,

Jamais se abeirará de mim...

— Ó minhas cartas nunca escritas,

E os meus retratos que rasguei...

As orações que não rezei...

Madeixas falsas, flores e fitas...

O «petit-bleu» que não chegou...

As horas vagas do jardim...

O anel de beijos e marfim

Que os seus dedos nunca anelou...

Convalescença afetuosa

Num hospital branco de paz...

A dor magoada e duvidosa

Dum outro tempo mais lilás...

Um braço que nos acalenta...

Livros de cor à cabeceira...

Minha ternura friorenta —

Ter amas pela vida inteira...

Ó grande Hotel universal

Dos meus frenéticos enganos,
Com aquecimento-central,
Escrocs, cocottes, tziganos...

Ó meus Cafés de grande vida
Com dançarinas multicolores...
— Ai, não são mais as minhas dores
Que a sua dança interrompida...

Lisboa, março de 1915

Escala

Oh! regressar a mim profundamente
E ser o que já fui no meu delírio...
—Vá, que se abra de novo o grande lírio,
Tombem miosótis em cristal e Oriente!

Cinja-me de novo a grande esperança,
E de novo me timbre a grande Lua!
Eia! que empunhe como outrora a lança
E a espada de Astros — ilusória e nua!

Rompa a fanfarra atrás do funeral!
Que se abra o poço de marfim e jade!
— Vamos! é tempo de partir a Grade!
Corra o palácio inteiro o vendaval!

Nem portas nem janelas, como dantes:
A chuva, o vento, o sol — e eu, a Estátua!

Que me nimbe de novo a auréola fátua —
Tirano medieval de Oiros distantes.

E o Príncipe sonâmbulo do Sul,
O Doge de Venezas escondidas,
O chaveiro das Torres poluídas,
O mítico Rajá de Índias de tule —

Me erga imperial, em pasmo e arrogância,
Toldado de luar — cintil de arfejos:
Imaginário de carmim e beijos,
Pierrot de fogo a cabriolar Distância.

Num entardecer as esfinges de Oiro e mágoa
Que se prolongue o Cais de me cismar —
Que ressurja o terraço à beira-mar
De me iludir em Rei de Pérsias de água.

E tempo ainda de realçar-me a espelhos,
Travar mistérios, influir Destaque,

Vamos! por terra os reposteiros velhos —
Novos brocados para o novo ataque!

Torne-se a abrir o Harém em festival,
(Harém de gaze, e as odaliscas seda)...
Que se embandeire em mim o Arraial,
Haja bailes de Mim pela alameda!...

Rufem tambores, colem-se os cartazes —
Gire a tómbola, o carrossel comece!
Vou de novo lançar-me na quermesse:
— Saltimbanco, que a feira toda arrases!

Eh-lá! mistura os sons com os perfumes,
Disparata de cor, guincha de luz!
Amontoa no palco os corpos nus,
Tudo alvoroça em malabares de lumes!

Recama-te de Anil e destempero,
Tem coragem — em mira o grande salto!

Ascende! Tomba! Que te importa? Falto

Eu, acaso?... Ânimo! Lá te espero.

Que nada mais te importe. Ah! segue em frente

Ó meu Rei-lua o teu destino dúbio:

E sê o timbre, sê o oiro, o eflúvio,

O arco, a zona — o Sinal de Oriente!

Paris, julho de 1915

Sete Canções de Declínio

1.

Um vago tom de opala debelou
Prolixos funerais de luto d'Astro —
E pelo espaço, a Oiro se enfolou
O estandarte real — livre, sem mastro.

Fantástica bandeira sem suporte,
Incerta, nevoenta, recamada —
A desdobrar-se como a minha Sorte
Preditada por ciganos numa estrada. . .

2.

Atapetemos a vida
Contra nós e contra o mundo.
— Desçamos panos de fundo
A cada hora vivida.

Desfiles, danças — embora
Mal sejam uma ilusão.
— Cenários de mutação
Pela minha vida fora!

Quero ser Eu plenamente:
Eu, o possesso do Pasma.
— Todo o meu entusiasmo,
Ah! que seja o meu Oriente!

O grande doido, o varrido,
O perdulário do Instante —
O amante sem amante,
Ora amado ora traído...

Lançar as barcas ao Mar —
De névoa, em rumo de incerto...
— Pra mim o longe é mais perto
Do que o presente lugar.

... E as minhas unhas polidas —

Ideia de olhos pintados...

Meus sentidos maquilhados:

A tintas desconhecidas...

Mistério duma incerteza

Que nunca se há de fixar...

Sonhador em frente ao mar

Duma olvidada riqueza...

— Num programa de teatro

Suceda-se a minha vida:

Escada de Giro descida

Aos pinotes, quatro a quatro!...

3.

— Embora num funeral

Desfraldemos as bandeiras:

Só as Cores são verdadeiras —

Siga sempre o festival!

Quermesse — eia! — e ruído!

Louça quebrada! Tropel!

Defronte do carrossel,

Eu, em ternura esquecido...

Fitas de cor, vozearia —

Os automóveis repletos:

Seus chauffeurs — os meus afetos

Com librés de fantasia!

Ser bom... Gostaria tanto

De o ser... Mas como? Afinal

Só se me fizesse mal

Eu fruiria esse encanto.

— Afetos... divagações...

Amigo dos meus amigos...

Amizades são castigos,

Não me embaraço em prisões!

Fiz deles os meus criados,
Com muita pena — decerto.
Mas quero o Salão aberto,
E os meus braços repousados.

4.

As grandes Horas! — vivê-las
A preço mesmo dum crime!
Só a beleza redime —
Sacrifícios são novelas.

«Ganhar o pão do seu dia
Com o suor do seu rosto»...
— Mas não há maior desgosto
Nem há maior vilania!

E quem for Grande não venha
Dizer-me que passa fome:

Nada há que se não dome
Quando a Estrela for tamanha!

Nem receios nem temores,
Mesmo que sofra por nós
Quem nos faz bem. Esses dós
Impeçam os inferiores.

Os Grandes, partam — dominem
Sua sorte em suas mãos:
— Toldados, inúteis, vãos,
Que o seu Destino imaginem!

Nada nos pode deter;
O nosso caminho é d'Astro!
Luto — embora! — o nosso rastro,
Se pra nós Oiro há de ser!. . .

5.

Vaga lenda facetada:

A imprevisto e miragens
Um grande livro de imagens,
Uma toalha bordada...

Um baile russo a mil cores,
Um domingo de Paris —
Cofre de Imperatriz
Roubado por malfeitores...

Antiga quinta deserta
Em que os donos faleceram —
Porta de cristal aberta
Sobre sonhos que esqueceram...

Um lago à luz do luar
Com um barquinho de corda...
Saudade que não recorda —
Bola de ténis no ar...

Um leque que se rasgou —

Anel perdido no parque —
Lenço que acenou no embarque
D'Aquela que não voltou...

Praia de banhos do sul
Com meninos a brincar
Descalços, à beira-mar,
Em tardes de céu azul...

Viagem circulatória
Num expresso de wagons-leitos —
Balão aceso — defeitos
De instalação provisória. . .

Palace cosmopolita
De *rastaquoères* e *cocottes* —
Audaciosos decotes
Duma francesa bonita...

Confusão de music-hall,

Aplausos e brou-u-há —
Interminável sofá
Dum estofo profundo e mole...

Pinturas a «ripolin»,
Anúncios pelos telhados —
O barulho dos teclados
Das Linotyp do «Matin»...

Manchette de sensação
Transmitida a todo o mundo —
Famoso artigo de fundo
Que acende uma revol'ção...

Um sobrescrito lacrado
Que transviou no correio,
E nos chega sujo — cheio
De carimbos, lado a lado...

Nobre ponte citadina

De intranquila capital —

A humidade outonal

Duma manhã de neblina...

Uma bebida gelada —

Presentes todos os dias...

Champanhe em taças esguias

Ou água ao sol entornada...

Uma gaveta secreta

Com segredos de adultérios...

Porta falsa de mistérios —

Toda uma estante repleta:

Seja enfim a minha vida

Tarada de ócios e Lua:

Vida de Café e rua,

Dolorosa, suspendida —

Ah! mas de enlevo tão grande

Que outra nem sonho ou prevejo...

— A eterna mágoa dum beijo,

Essa mesma, ela me expande...

6.

Um frenesi hialino arrepiou

Pra sempre a minha carne e a minha vida.

Fui um barco de vela que parou

Em súbita baía adormecida...

Baía embandeirada de miragem,

Dormente de ópio, de cristal e anil,

Na ideia dum país de gaze e abril,

Em duvidosa e tremulante imagem...

Parou ali a barca — e, ou fosse encanto,

Ou preguiça, ou delírio, ou esquecimento,

Não mais aparelhou... — ou fosse o vento

Propício que faltasse: ágil e santo...

... Frente ao porto esboçara-se a cidade,
Descendo enlanguescida e preciosa:
As cúpulas de sombra cor de rosa,
As torres de platina e de saudade.

Avenidas de seda deslizando,
Praças d'honra libertas sobre o mar —
Jardins onde as flores fossem luar;
Lagos — carícias de âmbar flutuando...

Os palácios a rendas e escumalha,
De filigrana e cinza as Catedrais —
Sobre a cidade, a luz — esquiva poalha
Tingindo-se através longos vitrais...

Vitrais de sonho a debruá-la em volta,
A isolá-la em lenda marchetada:
Uma Veneza de capricho — solta,
Instável, dúbia, pressentida, alada...

Exílio branco — a sua atmosfera,
Murmúrio de aplausos — seu brou-u-há...
E na Praça mais larga, em frágil cera,
Eu — a estátua «que nunca tombará»...

7.

Meu alvoroço d'ouro e lua
Tinha por fim que transbordar...
— Caiu-me a Alma ao meio da rua,
E não a posso ir apanhar!

Paris, julho e agosto de 1915

Abrigo

Paris da minha ternura

Onde estava a minha Obra —

Minha Lua e minha Cobra,

Timbre da minha aventura.

Ó meu Paris, meu menino,

Meu inefável brinquedo...

— Paris do lindo segredo

Ausente no meu destino.

Regaço de namorada,

Meu enleio apetelecido —

Meu vinho d'Oiro bebido

Por taça logo quebrada...

Minha febre e minha calma —

Ponte sobre o meu revés:

Consolo da viuvez

Sempre noiva da minh'Alma...

Ó fita benta de cor,

Compressa das minhas feridas...

— Ó minha unhas polidas,

— Meu cristal de toucador...

Meu eterno dia de anos,

Minha festa de veludo...

Paris: derradeiro escudo,

Silêncio dos meus enganos.

Milagroso carrossel

Em feira de fantasia —

Meu órgão de Barbaria,

Meu teatro de papel...

Minha cidade-figura,

Minha cidade com rosto...

— Ai, meu acerado gosto,

Minha fruta mal madura...

Mancenilha e bem-me-quer,

Paris — meu lobo e amigo...

— Quisera dormir contigo,

Ser todo a tua mulher!...

Paris, setembro de 1915

Cinco Horas

Minha mesa no Café,
Quero-lhe tanto... A garrida
Toda de pedra brunida
Que linda e fresca é!

Um sifão verde no meio
E, ao seu lado, a fosforeira
Diante ao meu copo cheio
Duma bebida ligeira.

(Eu bani sempre os licores
Que acho pouco ornamentais:
Os xaropes têm cores
Mais vivas e mais brutais.)

Sobre ela posso escrever
Os meu versos prateados,

Com estranheza dos criados
Que me olham sem perceber...

Sobre ela descanso os braços
Numa atitude alheada,
Buscando pelo ar os traços
Da minha vida passada.

Ou acendendo cigarros,
— Pois há um ano que fumo —
Imaginário presumo
Os meus enredos bizarros.

(E se acaso em minha frente
Uma linda mulher brilha,
O fumo da cigarrilha
Vai beijá-la, claramente)

Um novo freguês que entra
É novo ator no tablado,

Que o meu olhar fatigado
Nele outro enredo concentra.

É o carmim daquela boca
Que ao fundo descubro, triste,
Na minha ideia persiste
E nunca mais se desloca.

Cinge tais futilidades
A minha recordação,
E destes vislumbres são
As minhas maiores saudades...

(Que história de Oiro tão bela
Na minha vida abortou:
Eu fui herói de novela
Que autor nenhum empregou...)

Nos cafés espero a vida
Que nunca vem ter comigo:

— Não me faz nenhum castigo,
Que o tempo passa em corrida.

Passar tempo é o meu fito,
Ideal que só me resta:
Pra mim não há melhor festa,
Nem mais nada acho bonito.

— Cafés da minha preguiça,
Sois hoje — que galardão! —
Todo o meu campo de ação
E toda minha cobiça.

Paris, setembro de 1915

Serradura

A minha vida sentou-se
E não há quem a levante,
Que desde o Poente ao Levante
A minha vida fartou-se.

E ei-la, a mona, lá está,
Estendida, a perna traçada,
No infindável sofá
Da minha Alma estofada.

Pois é assim: a minha Alma
Outrora a sonhar de Rússias,
Espapaçou-se de calma,
E hoje sonha só pelúcias.

Vai aos Cafés, pede um bock,
Lê o «Matin» de castigo,

E não há nenhum remoque
Que a regresse ao Oiro antigo:

Dentro de mim é um fardo
Que não pesa, mas que maça:
O zumbido dum moscardo,
Ou comichão que não passa.

Folhetim da «Capital»
Pelo nosso Júlio Dantas —
Ou qualquer coisa entre tantas
Duma antipatia igual...

O raio já bebe vinho,
Coisa que nunca fazia,
E fuma o seu cigarrinho
Em plena burocracia!...

Qualquer dia, pela certa,
Quando eu mal me precate,

É capaz dum disparate,
Se encontra a porta aberta...

Isto assim não pode ser...
Mas como achar um remédio?
— Pra acabar este intermédio
Lembrei-me de endoidecer:

O que era fácil — partindo
Os móveis do meu hotel,
Ou para a rua saindo
De barrete de papel

A gritar «Viva a Alemanha»...
Mas a minha Alma, em verdade,
Não merece tal façanha,
Tal prova de lealdade...

Vou deixá-la — decidido —
No lavabo dum Café,

Como um anel esquecido.

É um fim mais raffiné.

Paris, setembro de 1915

O Lord

Lord que eu fui de Escócias doutra vida

Hoje arrasta por esta a sua decadência,

Sem brilho e equipagens.

Milord reduzido a viver de imagens,

Para às montras de joias de opulência

Num desejo brumoso — em dúvida iludida...

(— Por isso a minha raiva mal contida,

— Por isso a minha eterna impaciência.)

Olha as Praças, rodeia-as...

Quem sabe se ele outrora

Teve Praças, como esta, e palácios e colunas —

Longas terras, quintas cheias,

lates pelo mar fora,

Montanhas e lagos, florestas e dunas...

(— Por isso a sensação em mim fincada há tanto

Dum grande património algures haver perdido;
Por isso o meu desejo astral de luxo desmedido —
E a Cor na minha Obra o que ficou do encanto...)

Paris, setembro de 1915

O Recreio

Na minha Alma há um balouço
Que está sempre a balouçar —
Balouço à beira dum poço,
Bem difícil de montar...

— E um menino de bibe
Sobre ele sempre a brincar...

Se a corda se parte um dia
(E já vai estando esgarçada),
Era uma vez a folia:
Morre a criança afogada...

— Cá por mim não mudo a corda,
Seria grande estopada...

Se o indez morre, deixá-lo...

Mais vale morrer de bibe
Que de casaca... Deixá-lo
Balouçar-se enquanto vive...

— Mudar a corda era fácil...
Tal ideia nunca tive...

Paris, outubro de 1915

Torniquete

A tômbola anda depressa,
Nem sei quando irá parar —
Aonde, pouco me importa;
O importante é que pare...
— A minha vida não cessa
De ser sempre a mesma porta
Eternamente a abanar...

Abriu-se agora o salão
Onde há gente a conversar.
Entrei sem hesitação —
Somente o que se vai dar?
A meio da reunião,
Pela certa disparato,
Volvo a mim a todo o pano:

Às cambalhotas desato,

E salto sobre o piano...

— Vai ser bonita a função!

Esfrangalho as partituras,

Quebro toda a caqueirada,

Arrebento à gargalhada,

E fujo pelo saguão...

Meses depois, as gazetas

Darão críticas completas,

Indecentes e patetas,

Da minha última obra...

E eu — prà cama outra vez,

Curtindo febre e revés,

Tocado de Estrela e Cobra...

Paris, novembro de 1915

Pied-de-Nez

Lá anda a minha Dor às cambalhotas

No salão de vermelho atapetado —

Meu cetim de ternura engordurado,

Rendas da minha ânsia, todas rotas...

O Erro sempre a rir-me em destrambelho —

Falso mistério, mas que não se abrange...

De antigo armário que agoirento range,

Minha alma atual o esverdinhado espelho...

Chora em mim um palhaço às piruetas;

O meu castelo em Espanha, ei-lo vendido —

E, entretanto, foram de violetas,

Deram-me beijos sem os ter pedido...

Mas como sempre, ao fim — bandeiras pretas,

Tômbolas falsas, carrossel partido...

Paris, novembro de 1915

O Pajem

Sozinho de brancura, eu vago — Asa

De rendas que entre cardos só flutua...

— Triste de Mim, que vim de Alma prà rua,

E nunca a poderei deixar em casa...

Paris, novembro de 1915

Campainhada

As duas ou três vezes que me abriram

A porta do salão onde está gente,

Eu entrei, triste de mim, contente —

E à entrada sempre me sorriram...

Paris, outubro de 1915

Ápice

O raio de sol da tarde

Que uma janela perdida

Refletiu

Num instante indiferente —

Arde,

Numa lembrança esvaída,

À minha memória de hoje

Subitamente...

Seu efémero arrepio

Ziguezagueia, ondula, foge,

Pela minha retentiva...

— E não poder adivinhar

Por que mistério se me evoca

Esta ideia fugitiva,

Tão débil que mal me toca!...

— Ah, não sei porquê, mas certamente

Aquele raio cadente

Alguma coisa foi na minha sorte

Que a sua projeção atravessou...

Tanto segredo no destino duma vida...

É como a ideia de Norte,

Preconcebida,

Que sempre me acompanhou...

Paris, agosto de 1915

Desquite

Dispam-me o Ouro e o Luar,
Rasguem as minhas togas de astros —
Quebrem os ónix e alabastros
Do meu não querer igualar.

Que faço só na grande Praça
Que o meu orgulho rodeou —
Estátua, ascensão do que não sou,
Perfil prolixo de que ameaça?...

... E o sol... ah, o sol do acaso,
Perturbação de fosco e Império —
A solidão dum ermitério
Na impaciência dum atraso...

O cavaleiro que partiu,
E não voltou nem deu notícias —

Tão belas foram as primícias,
Depois só luto o anel cingiu...

A grande festa anunciada
As galas e elmos principescos,
Apenas foi executada
A guinchos e esgares simiescos...

Ânsia de Rosa e braços nus,
Findou de enleios ou de enjoos...
— Que desbaratos os meus voos;
Ai, que espantinho a minha cruz...

Paris, julho de 1915

Último Soneto

Que rosas fugitivas foste ali!
Requeriam-te os tapetes — e vieste...
— Se me dói hoje o bem que me fizeste,
É justo, porque muito te devi.

Em que seda de afagos me envolvi
Quando entraste, nas tardes que apareceste —
Como fui de percal quando me deste
Tua boca a beijar, que remordi...

Pensei que fosse o meu o teu cansaço —
Que seria entre nós um longo abraço
O tédio que, tão esbelta, te curvava...

E fugiste... Que importa ? Se deixaste
A lembrança violeta que animaste
Onde a minha saudade a Cor se trava?...

Paris, dezembro de 1915

Os últimos poemas de Mário de Sá-Carneiro

Caranguejola

Ah, que me metam entre cobertores,

E não me façam mais nada!...

Que a porta do meu quarto fique para sempre fechada,

Que não se abra mesmo para ti se tu lá fores!

Lã vermelha, leite fofo. Tudo bem calafetado...

Nenhum livro, nenhum livro à cabeceira...

Façam apenas com que eu tenha sempre a meu lado

Bolos de ovos e uma garrafa de Madeira.

Não, não estou para mais; não quero mesmo brinquedos.

P'ra quê? Até se mos dessem não saberia brincar...

Que querem fazer de mim com estes enleios e medos?

Não fui feito p'ra festas. Larguem-me! Deixem-me sossegar!...

Noite sempre p'lo meu quarto. As cortinas corridas,

E eu aninhado a dormir, bem quentinho — que amor!...

Sim: ficar sempre na cama, nunca mexer, criar bolor —

P'lo menos era o sossego completo... História! era a melhor das vidas.

Se me doem os pés e não sei andar direito,

P'ra que hei de teimar em ir para as salas, de Lord?

Vamos, que a minha vida por uma vez se acorde

Com o meu corpo, e se resigne a não ter jeito...

De que me vale sair, se me constipo logo?

E que posso eu esperar, com a minha delicadeza?...

Deixa-te de ilusões, Mário! Bom édredon, bom fogo —

E não penses no resto. E já bastante, com franqueza...

Desistamos. A nenhuma parte a minha ânsia me levará.

P'ra que hei de então andar aos tombos, numa inútil correria?

Tenham dó de mim. Co'a breca! levem-me p'rá enfermaria! —

Isto é, p'ra um quarto particular que o meu Pai pagará.

Justo. Um quarto de hospital, higiénico, todo branco, moderno e tranquilo;

Em Paris, é preferível, por causa da legenda...

De aqui a vinte anos a minha literatura talvez se entenda;

E depois estar maluquinho em Paris fica bem, tem certo estilo...

Quanto a ti, meu amor, podes vir às quintas-feiras,

Se quiseres ser gentil, perguntar' como eu estou.

Agora no meu quarto é que tu não entras, mesmo com as melhores maneiras...

Nada a fazer, minha rica. O menino dorme. Tudo o mais acabou.

Paris, novembro de 1915

Crise Lamentável

Gostava tanto de mexer na vida,
De ser quem sou — mas de poder tocar-lhe...
E não há forma: cada vez perdida
Mais a destreza de saber pegar-lhe.

Viver em casa como toda a gente
Não ter juízo nos meus livros — mas
Chegar ao fim do mês sempre com as
Despesas pagas religiosamente.

Não Ter receio de seguir pequenas

.....

E convidá-las para me pôr nelas —
À minha Torre ebúrnea abrir janelas,
Numa palavra, e não fazer mais cenas.

Ter força um dia pra quebrar as roscas

Desta engrenagem que empenando vai.

— Não mandar telegramas ao meu Pai,

— Não andar por Paris, como ando, às moscas.

Levantar-me e sair — não precisar

De hora e meia antes de vir prà rua.

— Pôr termo a isto de viver na lua,

— Perder a *frousse* das correntes de ar.

Não estar sempre a bulir, a quebrar coisas

Por casa dos amigos que frequento —

Não me embrenhar por histórias melindrosas

Que em fantasia apenas argumento

Que tudo em é fantasia alada,

Um crime ou bem que nunca se comete:

E sempre o Oiro em chumbo se derrete

Por meu Azar ou minha zoina suada...

Paris, janeiro de 1916

O Fantasma

O que farei na vida — o Emigrado
Astral após que fantasiada guerra —
Quando este Oiro por fim cair por terra,
Que ainda é Oiro, embora esverdinhado?

(De que Revolta ou que país fadado?...)
— Pobre lisonja a gaze que me encerra...
— Imaginária e pertinaz, desferra
Que força mágica o meu pasmo aguado?...

A escada é suspeita e é perigosa:
Alastra-se uma nódoa duvidosa
Pela alcatifa, os corrimões partidos...

Taparam com rodilhas o meu norte,
As formigas cobriram minha Sorte,
Morreram-me meninos nos sentidos...

Paris, 21 de janeiro de 1916

El-Rei

Quando chego o piano estala agoiro

E medem-se os convivas logo, inquietos —

Alargam-se as paredes, sobem tetos:

Paira um Luxo de Adaga em mão de moiro.

Meu intento porém é todo loiro

E a cor-de-rosa, insinuando afetos.

Mas ninguém se me expande... Os meus diletos

Frenesis ninguém brilha! Excesso de Oiro...

Meu Dislate a conventos longos orça.

Pra medir minha zoina, aquém e além,

Só mística, de alada, esguia corça.

Quem me convida mesmo não fez bem:

Intruso ainda — quando, à viva força,

A sua casa me levasse alguém.

Paris, 30 janeiro de 1916

Aqueloutro

O dúbio mascarado, o mentiroso
Afinal, que passou na vida incógnito;
O Rei-lua postiço, o falso atónito;
Bem no fundo o covarde rigoroso...

Em vez de Pajem bobo presunçoso...
Sua alma de neve asco de um vômito...
Seu ânimo cantado como indómito
Um lacaio invertido e pressuroso...

O sem nervos nem ânsia, o papa-açorda...
(Seu coração talvez movido a corda ...)
Apesar de seus berros ao Ideal,

O corrido, o raimoso, o desleal,
O balofo arrotando Império astral,
O mago sem condão, o Esfinge Gorda...

Paris, fevereiro de 1916

Fim

Quando eu morrer batam em latas,
Rompam aos saltos e aos pinotes,
Façam estalar no ar chicotes,
Chamem palhaços e acrobatas!

Que o meu caixão vá sobre um burro
Ajaezado à andaluza...
A um morto nada se recusa,
Eu quero por força ir de burro.

Paris, 1916